



O tempo do Jornalismo e a memória de um espaço marcado pelo movimento ecologista: análise de reportagens premiadas no Rio Grande do Sul

Débora Gallas Steigleder ¹

Resumo: O presente trabalho mapeia as unidades temáticas e a recorrência de princípios do Jornalismo Ambiental (GIRARDI et al., 2012; 2017) em reportagens gaúchas premiadas nesta área do conhecimento. O objetivo é verificar de que forma esses trabalhos acionam a memória do Rio Grande do Sul e da cidade de Porto Alegre enquanto berço do movimento ecologista brasileiro. A partir da premissa de compressão do espaço-tempo (HARVEY, 1992) e do Jornalismo enquanto redefinidor do tempo presente na sociedade (FRANCISCATO, 2014), questionamo-nos sobre que tempos se sobrepõem na narrativa jornalística sobre meio ambiente e vida sustentável nas cidades e qual é a dimensão do espaço para o Jornalismo que busca soluções para problemas historicamente localizados.

Palavras-Chave: Jornalismo. Meio ambiente. Cidades. Tempo. Análise de Conteúdo.

1. O ambiente no Jornalismo no tempo e espaço presentes

Qual a memória que o Jornalismo produzido atualmente a respeito dos desafios ambientais das grandes cidades aciona sobre o movimento ecologista do estado do Rio Grande do Sul e da cidade de Porto Alegre? Fazemo-nos esta pergunta diante o fato de que tal região registrou em sua história a atuação de coletivos e indivíduos pioneiros na defesa dos bens naturais, como Padre Balduíno Rambo (1906-1961), botânico e autor de Fisionomia do Rio Grande do Sul (1942); Henrique Luiz Roessler (1896-1963), fundador da União Protetora da Natureza, primeira organização ambientalista do país, em 1955; a Ação Democrática Gaúcha Feminina (hoje Núcleo Amigos da Terra), fundada por Giselda Castro (1923-2012) e Magda Renner (1926-2016); e a Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (Agapan), encabeçada por nomes como Augusto Carneiro (1922-2014) e José Lutzenberger

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS), e-mail: deboragallas@gmail.com



(1926-2002), o qual é homenageado pelo mais proeminente prêmio de Jornalismo Ambiental do estado hoje, cujos destaques de 2017 compõem o *corpus* deste trabalho².

Ainda nos anos 1970, a ideia do movimento ambientalista gaúcho era a de abordar a crise ambiental a partir da responsabilização do sistema político e econômico envolvido no processo de degradação do meio ambiente. Essa reação teve diversos desdobramentos à época, que reverberam até hoje. Afinal, lá está a origem do “desenvolvimento sustentável”, conceito ainda acionado como o grande mito da salvação. Lá se consolida o ideal do progresso tecnológico, explicado por Lutzenberger (2009) como o último recurso dos povos diante da exploração que gera a miséria. E lá já estava o Jornalismo com sentido de urgência e fixação na novidade, tal qual traz Franciscato (2014).

A fim de refletir sobre diferenças e semelhanças entre esses momentos, recorreremos também à noção de espaço, e talvez este seja um dos pontos de ruptura, visto que, como aponta Lemos (2005, p. 29), atualmente estamos diante da formação de estrutura “superurbana” e “superindustrial”. No mesmo sentido, somos permeados pelas “espacialidades moventes” mencionadas por Ferrara (2007, p. 29), de acordo com as quais os deslocamentos são errantes, difusos – e, simultaneamente, a confluência de tempos predomina do espaço material ao espaço utópico. Como veremos mais adiante, na análise do corpus, isso se reflete na diversidade de pautas e na diversidade de entendimentos sobre as espacialidades em questão. Para Huyssen (2000), tempo e espaço estão intimamente ligados. A mídia condiciona a memória pública “na sua própria estrutura e forma” (p. 22-23), remetendo à premissa essencial de Marshall McLuhan de que o meio é a mensagem. Essa tese também é assumida por Ferrara (2007, p. 31), para quem já que os meios de comunicação fazem parte do contexto de reprodutibilidade industrial. Segundo ela, “comunica-se através do modo como se transmite”.

Entendemos o Jornalismo a partir de sua capacidade de delimitação de uma “cultura do tempo presente”, de acordo com Franciscato (2014, p. 99), e de sua relação cíclica com a atualidade, na medida em que a configura e por ela é configurado – isso porque a instituição jornalística emerge por meio de práticas sociais próprias da urbanização e, por consequência, da nova experiência de temporalidade predominante nas cidades ocidentais desde os séculos XVIII e XIX. Instantaneidade e produtividade passam a ser, portanto, valores que ascendem com as novas tecnologias de transporte e de comunicação disponíveis, o que fortalece a

² O Prêmio José Lutzenberger de Jornalismo Ambiental é promovido pela empresa Braskem, petroquímica especializada na produção de resinas termoplásticas.



impressão ressaltada por Bosi (1992) sobre a crença em uma reta evolutiva baseada na lógica progressiva, de sucessão das grandes eras econômicas. Com este pressuposto, por fim, valemo-nos da noção de compressão do espaço-tempo de Harvey (1992, p.57), o qual considera que há um “colapso da cadeia significativa” na pós-modernidade através da fixação à experiência no tempo presente. Nesse processo, o tempo perde profundidade, e há perda de continuidade histórica. O autor explica essas mudanças de dimensionalidades a partir do processo de acumulação do capital, permeado por disputas de poder.

2. Proposta de análise do *corpus* a partir do Jornalismo Ambiental

Utilizamos livremente pressupostos da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) para mapearmos os termos predominantes nas reportagens vencedoras, e procuramos provas de validação da sua correspondência aos princípios do Jornalismo Ambiental postos em Girardi e outros (2012; 2017) e de reflexões de Lutzenberger (2009) inspiradoras para o movimento ecologista³. A perspectiva do Jornalismo Ambiental, ressaltam Girardi e outros (2012; 2017), propõe soluções a partir de mudanças de atitude coletivas, o que passa por reconhecer o problema em questão diante do caráter sistêmico e global da crise ambiental. Nesse contexto, é também essencial a recorrência à memória sobre o processo de (re)configurações internas e externas que envolvem as cidades, e sobre os movimentos de resistência frente ao mal-estar advindo de uma temporalidade de sobrecarga e de aceleração (HUYSSSEN, 2000).

Resolução através da problematização: neste quesito, entende-se que as soluções propostas para o problema ambiental em questão devem ser, a partir de Lutzenberger (2009), brandas, baratas, descentralizadas, relacionadas à justiça social e à responsabilidade de cada envolvido na cadeia, da produção ao consumo, com foco prioritário na mudança de atitudes. Assim, deve-se considerar o contexto e as especificidades do conflito, valorizando ações locais, como destacam Girardi e outros (2012).

Foco em solução tecnocrática: de acordo com Lutzenberger (2009), o uso da técnica em si não representa problema. Quando se fala em tecnocracia, no entanto, há referência à possibilidade de complicações e injustiças de um sistema baseado na importação de tecnologias pensadas para outros contextos como principal forma de resolução de conflitos sociais e ambientais. Tal ocorrência pode fragilizar ainda mais a identidade das comunidades cujos saberes e práticas são constantemente invalidados.

³ Excluímos da análise os premiados da categoria “Fotojornalismo” pela dificuldade em equivaler seus representantes às categorias elaboradas, que são referentes à linguagem verbal.



Complexidade e olhar sistêmico: a partir de Girardi e outros (2012), compreende-se que a estrutura da reportagem é feita de conexões, superando a lógica fragmentária e reducionista de um pensamento cartesiano. Nela, todos os envolvidos de uma cadeia são considerados. A transdisciplinaridade se faz presente, auxiliando na compreensão dos conflitos em debate e subsidiando o questionamento dos sistemas político e econômico. Neste sentido, outra dimensão importante que está presente é a justiça ambiental: o meio ambiente deixa de ser visto como uma entidade isolada e passiva, e passa a ser entendido em relação com as sociedades humanas, ressaltam Girardi e outros. (2017).

Diversidade de vozes: a diversidade de fontes, de forma geral, é uma característica sempre desejável para o Jornalismo, já que este tenta abarcar a pluralidade de entendimentos sobre o acontecimento a fim de relatá-lo com mais precisão. No entanto, conforme alertam Girardi e outros (2017), a diversidade de fontes não garante a diversidade de vozes. Isso porque, conforme as autoras, a predominância de somente uma categoria de fontes, como as oficiais, por exemplo, compromete o exercício do olhar sistêmico e a percepção da complexidade da situação. O Jornalismo Ambiental, portanto, deseja especial destaque à voz da sociedade civil – como as populações impactadas por conflitos ambientais e populações tradicionais que usualmente são pouco ouvidas na esfera pública.

Discussão sobre os impactos produzidos nas cidades: este é um critério enumerado especialmente para os objetivos deste artigo. A partir de Lemos, sabemos que predominam na era pós-industrial, “controle, manipulação e transformação da natureza” (2005, p. 13). Lutzenberger (2009) destaca a marginalização como um dos efeitos colaterais do desenvolvimento, e diante dessa realidade percebemos que a conseqüente luta por justiça social – e, por associação, por justiça ambiental – se fortalece sobretudo nas cidades, em cujas periferias a população marginalizada cada vez mais se concentra.

Não neutralidade: De acordo com Girardi e outros (2012; 2017), trata-se de postura crítica sobre iniciativas dos poderes políticos e econômicos. É relacionada ao ativismo político e à militância, com cobrança sobre o que é de interesse da população e com o objetivo de despertar a ação dos cidadãos. O Jornalismo Ambiental assume tal posicionamento no compromisso de defender a sustentabilidade da vida e do planeta, e, portanto, abdica de rótulos como imparcialidade ou neutralidade.

Contabilização das unidades de registro: enumeramos os principais termos presentes em cada reportagem. O recorte foi realizado de acordo com a frequência em que aparecem nas reportagens, e foram selecionados pela relação com os conceitos e preocupações vislumbradas



na bibliografia de referência. A partir das unidades de registro identificadas no corpus, a intenção é mapear as unidades de contexto (BARDIN, 2011).

Fontes predominantes: Não nos interessa fazer um amplo estudo de fontes, mas apenas destacar quais são os papéis sociais relativos às vozes mais recorrentes no corpus, a fim de complementar as definições para o critério 4. Realizamos esta descrição a partir da possibilidade de estabelecer personagens enquanto unidades de registro, conforme Bardin (2011), ainda que não sigamos uma categorização formal.



IV Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

27 e 28 de setembro de 2018 ❖ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Categoria/título	Soluções	Princípios JA	Unidades de registro	Fontes predominantes
Jornalismo Universitário				
Os desafios do movimento ambientalista gaúcho ⁱ <i>Centro Universitário Ritter dos Reis</i>	Problematização	Complexidade; Diversidade de vozes; Não neutralidade	Política; educação ambiental; ativismo; proteção; ética; conservação	Integrantes de entidades ambientalistas; ecologistas
Um rio onde não se pode nadar ⁱⁱ <i>Universidade Federal do Pampa</i>	Problematização	Diversidade de vozes; Impacto na cidade	Água; educação ambiental	Especialistas (membros da comunidade); população local enquanto testemunha
Refugiados da nova ponte do Guaíba ⁱⁱⁱ <i>Centro Universitário Ritter dos Reis</i>	Problematização	Complexidade; Diversidade de vozes; Impacto na cidade; Não neutralidade	Moradia; saúde; cultura; comunidade; memória	População local enquanto agente
Um novo olhar sobre o lixo ^{iv} <i>Centro Universitário Metodista IPA</i>	Tecnocracia	-	Energia; investimento	Representantes do empreendimento
O Jardim Botânico pede socorro ^v <i>Centro Universitário Ritter dos Reis</i>	-	Complexidade; Diversidade de vozes; Impacto na cidade; Não neutralidade	Preservação; conservação; educação ambiental	Servidores públicos
Privada de escolha? ^{vi} <i>Centro Universitário Ritter dos Reis</i>	Problematização Tecnocracia	Complexidade; Impacto na cidade	Cidade; água; saneamento; saúde	Especialistas (acadêmicos)
Radiojornalismo				
Vamos tratar o esgoto? ^{vii} <i>Rádio Gaúcha</i>	Problematização Tecnocracia	Complexidade; Impacto na cidade	Esgoto; poluição; investimento	Oficiais; especialistas (acadêmicos); população local enquanto testemunha
Brasil na rota da energia limpa ^{viii} <i>Agência Radioweb</i>	Problematização Tecnocracia	Complexidade; Diversidade de vozes; Impacto na cidade	Energia; emprego; renda; sustentabilidade	Oficiais; integrantes de entidades ambientalistas; representantes dos empreendimentos; população que desenvolve soluções
A preservação do meio ambiente também é coisa de criança <i>Rádio Educativa Unijuí FM^{ix}</i>	Tecnocracia	Diversidade de vozes; Não neutralidade	Sustentabilidade; conscientização; cidadania	Responsáveis pelo projeto (acadêmicos); crianças participantes do projeto
Produção cervejeira e responsabilidade ambiental ^x - <i>Rádio Guaíba</i>	Tecnocracia	Impacto na cidade	Água; tratamento	Representantes dos empreendimentos



IV Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

27 e 28 de setembro de 2018 ❖ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Categoria/título	Soluções	Princípios JA	Unidades de registro	Fontes predominantes
Telejornalismo				
A agonia de um rio ^{xi} <i>TVE-RS e TV Brasil</i>	Problematização Tecnocracia	Complexidade; Impacto na cidade; Não neutralidade	Preservação; água; poluição; plano de manejo	Servidores públicos; especialistas
Barreira para reter lixo busca conscientizar sobre o descarte ^{xii} - <i>RBSTV</i>	Tecnocracia	Impacto na cidade	Lixo; cidade; investimento	Responsável pelo empreendimento
O despertar da consciência ecológica ^{xiii} <i>TVE</i>	Problematização Tecnocracia	Complexidade; Diversidade de vozes Não-neutralidade	Ecossistema; ativismo; cultura; ética; consciência; preservação	Integrantes de entidades ambientalistas; ecologistas
Cidadania – Agricultura Urbana ^{xiv} <i>TVE</i>	Problematização	Complexidade; Diversidade de vozes; Impacto na cidade; Não neutralidade	Cidade; agrobiodiversidade	População que desenvolve soluções; especialista
A indústria que aceitou o desafio da sustentabilidade ^{xv} - <i>TVE</i>	Problematização Tecnocracia	-	Sustentabilidade; impacto	Representantes do empreendimento
Jornalismo Impresso				
Série Rio dos Sinos, do papel para a ação ^{xvi} <i>Jornal NH</i>	Problematização	Impacto na cidade	Água; cidade; bacia hidrográfica; tratamento	Oficiais; dados de fontes oficiais
Perigo no prato ^{xvii} <i>Zero Hora</i>	Tecnocracia	-	Contaminação; agrotóxicos; segurança alimentar	Oficiais; representantes da indústria; dados do laboratório de análises
Só 5% do lixo produzido é reciclado na cidade ^{xviii} - <i>Jornal NH</i>	Problematização Tecnocracia	-	Reciclagem; contaminação; catadores; coleta seletiva	Oficiais; representantes de cooperativas de catadores
A serra gaúcha que desmata e conserva mata atlântica ^{xix} - <i>Jornal Pioneiro</i>	Problematização	Complexidade; Diversidade de vozes; Impacto na cidade; Não neutralidade	Bioma; conservação; desmatamento; preservação; fiscalização; legislação	Oficiais; especialistas (acadêmicos); população que desenvolve soluções
A diferença nos gestos pequenos ^{xx} <i>Correio do Povo</i>	Problematização	Diversidade de vozes; Impacto na cidade; Não neutralidade	Mudanças climáticas; lixo; conscientização; mobilidade; compostagem; segurança alimentar	População que desenvolve soluções



IV Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

27 e 28 de setembro de 2018 ❖ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Categoria/título	Soluções	Princípios JA	Unidades de registro	Fontes predominantes
Ventos que geram energia ^{xxi} <i>Correio do Povo</i>	Tecnocracia	-	Energia; investimentos; desenvolvimento; sustentabilidade	Oficiais; líderes do setor
Webjornalismo				
Série Um recomeço para o Rio Gravataí ^{xxii} <i>Correio de Gravataí</i>	Problematização Tecnocracia	Complexidade; Impacto na cidade	Poluição; contaminação; agrotóxicos; bacia hidrográfica; banhado; saneamento	Oficiais servidores públicos; representantes de arroseiros; comitê de gestão da bacia; população local enquanto testemunha
Série Patrimônio ameaçado: Jardim Botânico de Porto Alegre abriga 97 espécies ameaçadas ^{xxiii} – <i>Jornal Já</i>	Problematização	Complexidade; Impacto na cidade; Não neutralidade	Espécies endêmicas; conservação; pesquisa; ciência; educação ambiental	Especialistas (servidores públicos)
A cidade que queremos – fase 2 ^{xxiv} <i>Pioneiro.com</i>	Problematização	Impacto na cidade	Sustentabilidade; mobilidade; empreendedorismo; acessibilidade	População que desenvolve soluções
Série Patrimônio ameaçado: Zoobotânica tem mais de cem pesquisas em andamento ^{xxv} - <i>Jornal Já</i>	Problematização	Impacto na cidade Não neutralidade	Pesquisa; bioindicadores; mudanças climáticas; espécies endêmicas; diversidade	Especialistas (servidores públicos)

Tabela 1: Esquematização temática das reportagens analisadas

Fonte: Elaboração da autora

3. Das unidades de registro e das soluções propostas à busca de unidades de contexto e de uma definição sobre o tempo presente no Jornalismo

Devido principalmente ao amplo espectro das reportagens, é difícil quantificar e comparar a partir de critérios e requisitos equivalentes à diversidade de pautas do corpus. No entanto, é possível realizar algumas inferências, que nos permitem contextualizar o tempo e o espaço do Jornalismo analisado em relação à memória suscitada sobre as lutas ecologistas.

Quando algumas reportagens mencionam o termo “**desenvolvimento sustentável**” como um imperativo inquestionável, ainda trazem uma visão linear e progressiva de tempo, descrita por Bosi (1992), em que a relação com o passado fica encoberta na medida em que o futuro é lido como oportunidade de superação. Essa tentativa pode ser vista na reportagem da TVE *A indústria que aceitou o desafio da sustentabilidade*. Há um movimento de valorização do presente, ao mesmo tempo em que se adota discurso sobre as gerações futuras. Sutilmente, no programa anterior, o também premiado *O despertar da consciência ecológica*, apresenta-se a cronologia das lutas ambientais e supõe-se uma superação do passado, representado pelos ecologistas que expuseram os problemas de contaminação da fábrica de celulose Borregaard, no município de Guaíba, nos anos 1970⁴.

A filiação à perspectiva do desenvolvimento sustentável é problemática no caso daquele programa, pois destaca apenas aspectos positivos da empresa. Assim, a reportagem pode consistir em um tradicional exemplo de que pluralidade de fontes não garante a diversidade de vozes, visto que, por exemplo, entre a população ouvida, não há aqueles que criticam e denunciam a empresa, mesmo que a reportagem mencione, rapidamente, o fato de alguns vizinhos terem se desagradado com as obras de quadruplicação da fábrica. Ou seja, não há representatividade de parte importante da comunidade envolvida. Segundo Lutzenberger (2009, p. 146), o “desenvolvimento sustentável” é frequentemente reduzido à retórica e à crença de que mais desenvolvimento é necessário para superar os problemas causados pelo próprio desenvolvimento – mas esses não se solucionam com a mera transferência de tecnologias. No caso da reportagem em questão, além da referência direta à memória de José Lutzenberger como grande fonte de aprendizado sobre a importância de conciliar produção e conservação, o discurso empresarial passa a absorver o discurso do movimento ambientalista; o diretor da fábrica, Walter Lídio Nunes, defende que é preciso

⁴ Ambos os programas fazem parte da série Ecodesafio, patrocinada pela mesma Celulose Riograndense - indústria situada na mesma planta da antiga Borregaard - que é tema de um dos programas. O fato de consistir em conteúdo institucional exibido em televisão pública para que a empresa posicione sua responsabilidade social e ambiental poderia render reflexões mais detalhadas sobre a dimensão ética dessa modalidade e sobre a confusão entre público e privado no Brasil.

haver uma "solução holística" para os problemas ambientais, que contemple sociedade, meio ambiente e economia. As soluções apresentadas são diversas e passam por educação ambiental, reservas naturais e projetos sociais. No entanto, a cadeia de produção da celulose não é considerada: isto seria relevante, já que, após o falecimento de Lutzenberger, a monocultura de eucaliptos no Rio Grande do Sul passou a ser uma das principais preocupações de ambientalistas e cientistas⁵. Embora o discurso das fontes esteja em sintonia com o que defende o Jornalismo Ambiental, o simples fato de o contraditório não aparecer invalida sua correspondência a essa perspectiva. A partir deste olhar, a reportagem deveria questionar se a produção de eucalipto que abastece a indústria obedece ao critério elementar descrito por Lutzenberger (2009) de respeito aos ecossistemas naturais do entorno.

Poderíamos ir ainda mais além e aplicar essa lógica de questionamento a outras reportagens que respondem a poucos critérios do Jornalismo Ambiental, como *Um novo olhar sobre o lixo*, que destaca a produção de energia por biogás: apesar da necessária solução vinculada ao desenvolvimento de tecnologias, realmente todo o nosso lixo orgânico precisa percorrer 60 quilômetros desde Porto Alegre para desembocar no aterro de Minas do Leão? *Só 5% do lixo produzido é reciclado na cidade* tem como fim educação ambiental básica, alertando para a população para a importância da separação do lixo a partir da citação da quantidade de lixo recebida e aproveitada ou rejeitada nos centros de triagem de Novo Hamburgo. No entanto, seria possível perguntar por que, afinal, as pessoas não sabem separar o lixo, qual o peso do poder público e privado nesse processo e como a conscientização pode ir além da ideia do cidadão enquanto consumidor consciente. Porque, segundo Girardi e outros (2017, p. 7), o Jornalismo Ambiental deve mostrar “a interconexão entre os elementos”.

Neste sentido, as **fontes** direcionam a narrativa. A consulta às fontes oficiais e aos especialistas pode ajudar a visualizar o tempo presente como construção social, conforme descrito por Franciscato (2014), já que o ritmo da atualidade está nas vozes que, esperam o jornalista, podem fornecer uma versão mais condizente com a realidade. A série *Perigo no Prato*, por exemplo, foi analisada no artigo de Girardi e outros (2017, p. 9), o qual conclui que o olhar sistêmico próprio do Jornalismo Ambiental não esteve presente na cobertura. Segundo os autores, “nenhum agricultor ou produtor rural foi ouvido, assim como representantes do

⁵ Para mais detalhes sobre a repercussão da silvicultura no bioma Pampa nos anos 2000: FANTE, Eliege Maria. **As representações sociais sobre o bioma Pampa no jornalismo de referência sul-rio-grandense**. 2012. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

movimento ecológico ou de organizações ambientalistas. Todas essas pessoas apresentam, em suas especificidades, ligação direta com os agrotóxicos, por utilizá-los ou por historicamente combatê-los”. Elas também afirmam que, na série, “são expostos apenas dados de contaminação pelo uso e consumo de agrotóxicos ocorridos no exterior. Acreditamos que seria mais relevante abordar dados regionais, pois o contexto em discussão é o Brasil e, em específico, o RS.” (GIRARDI et al., *op. cit.*)⁶.

Assim, conforme aponta Lemos (2005), o Jornalismo parece ter atendido à dimensão planetária da ciberurbe. O problema é quando ele assume as fragilidades desse sistema: o local passa a ser a última das preocupações, e seus saberes característicos e modos de vida aos poucos esmaecem. Para retomá-los, é preciso apelar à responsabilidade coletiva sobre o tempo presente. Através da discussão técnica densa e da posterior exposição de iniciativas individuais e localizadas para a recuperação de vegetação nativa, possíveis de serem consideradas por governos e contextos mais amplos, *A serra gaúcha que desmata e conserva Mata Atlântica* expõe a necessidade de desaceleração para reflexão – através de critérios locais – diante do sentido de urgência da atualidade. O texto também traz o contraditório que caracteriza nosso tempo ao levar em conta diversas práticas de conservação do bioma – e diferentes olhares sobre elas.

A partir da observação de Franciscato (2014) sobre a relevância do Jornalismo na sociedade moderna para a formulação de um tempo social compartilhado, percebemos que a totalidade das reportagens premiadas também fortalece o argumento de Bosi (1992, p. 30) sobre o “convívio dos tempos”: uma mesma reportagem pode ilustrar soluções acríicas e tecnocráticas, evidenciando a necessidade de apontar para o futuro, enquanto traz, ao mesmo tempo, a educação ambiental ou a conscientização da população como necessidades básicas para superar deficiências históricas. Um paradoxo que estrutura a narrativa da série *Vamos tratar o esgoto?*, por exemplo, que afirma que mais obras de saneamento são necessárias no estado, mas que, em Porto Alegre, existe um sistema que opera longe de atingir sua capacidade máxima de atendimento porque a população não está ciente sobre a importância de conectar suas residências à rede de esgoto. De forma semelhante, em *A agonia de um rio*, sobre o Rio Gravataí, as soluções destacadas para a poluição são a diminuição das emissões não tratadas e a realização de novas obras de saneamento.

⁶ Esta reportagem venceu também o prêmio UnoChapecó de Jornalismo Ambiental na categoria Impresso, em 2017. Lista de vencedores disponível em: <<http://somos.unochapeco.edu.br/jornalismo-ambiental/index.php/reportagens-vencedoras>>. Acesso em: jul. 2018.

Direta ou indiretamente, a maior parte das reportagens alude à **educação ambiental** como chave para a resolução de problemas, o que é positivo no sentido em que se trata de uma solução elementar, simples, acessível e não dependente da tecnocracia, conforme aponta Lutzenberger (2009). No entanto, as unidades de registro recorrentes ainda deixam dúvidas quanto à execução dessa estratégia, como em *A preservação do meio ambiente também é coisa de criança*, onde as soluções são apontadas pelas próprias crianças envolvidas no projeto da Unijuí, mas são paliativas e vagas, como “economizar água” e “fechar a torneira”. E, em *Um rio onde não se pode nadar*, por exemplo, políticas públicas ou responsabilizações diretas sobre a degradação do Rio Uruguai não são mencionadas. Já em *Barreira para reter lixo em Porto Alegre busca conscientizar sobre o descarte*, a matéria explica que a ecobarreira é essencial à conscientização ambiental, mas mantém foco apenas sobre o caráter técnico dessa solução, pois a única fonte qualificada ouvida é o empreendedor que executou a iniciativa. E o fato de a população ser interpelada para reforçar o argumento da ignorância generalizada sobre o descarte do lixo não mostra como o empreendimento pode contribuir para uma mudança de atitude da população frente ao que Harvey denomina como “sociedade do descarte” (1992, p. 247) no contexto da **compressão espaço-tempo** – segundo a qual, no contexto de produção e consumo de mercadorias, a pós-modernidade assistiu à emergência da instantaneidade e da descartabilidade como características vantajosas.

Ao mesmo tempo, a educação ambiental pode passar pela **obsessão com a memória** relatada por Huyssen (2000), tendo em vista, por exemplo, a recorrência desta estratégia em reportagens que expressam preocupação com a extinção da FZB e com o acervo do Jardim Botânico - como *O Jardim Botânico pede socorro* e a série *Patrimônio Ameaçado*, do Jornal Já. De acordo com o contexto que as unidades temáticas acionam, a luta pela preservação do parque não se dá somente pela manutenção de uma coleção isolada, mas por uma superposição de lugares em significação para os sujeitos da cidade. Não à toa, essas reportagens recorrem à contextualização histórica a partir do depoimento de quem trabalha ou já trabalhou no local para desenvolver narrativa sobre sua importância na educação e na qualidade de vida da população local. A memória da relação de Porto Alegre com as lutas pela conservação ambiental também se faz presente na narrativa de *Os desafios do movimento ambientalista gaúcho*, que problematiza exatamente as preocupações expressas no objetivo deste artigo. Ali, destaca-se a disputa de sentidos sobre o meio ambiente a partir do trabalho dos pioneiros da ecologia em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul e discute-se o destino do legado ecologista, situando-o regionalmente, mas em relação com o contexto mundial.

Da mesma forma, a preocupação com a poluição dos rios manifesta ligação afetiva com aquele lugar, já que grande parte das reportagens do corpus é tematicamente centrada na falta de saneamento e na emissão de efluentes como principais ameaças aos rios do Rio Grande do Sul⁷. Há também menção à contaminação por agrotóxicos provenientes de lavouras de arroz, como em *Um recomeço para o Rio Gravataí*. E, em *Um rio onde não se pode nadar*, a ligação da população com um passado cada vez mais distante, no qual era possível banhar-se e pescar no rio Uruguai.

Para Ferrara (2007), é possível perceber a organização da espacialidade através da comunicação. Perguntamo-nos, então: **qual a cidade que essas reportagens comunicam?**

Segundo Lemos (2005), utopia é também ucronia, pois a cidade desejada está fora do tempo e do espaço. Tal aspecto pode ser verificado na reportagem *A cidade que queremos*, a qual apresenta de forma pontual ações exemplares em contextos bem diversos entre si, e contribui para o mapeamento de um espaço utópico. A cidade desejada também passa por soluções tecnocráticas, como observamos em matérias sobre saneamento e energia, como *Produção cervejeira e responsabilidade ambiental*, que menciona o contexto de um setor bastante específico, mas com grandes perspectivas de crescimento diante do perfil de consumo da população.

Nesse processo de “artificialização do mundo” (LEMOS, 2005, p. 14) nas cidades da era pós-industrial, voltar ao passado não é uma alternativa aceitável. Porém, as reportagens que mais se aproximam dos critérios do Jornalismo Ambiental pressupõem, justamente, um retorno aos valores de outros tempos. De acordo com o Jornalismo Ambiental, seria, portanto, a oportunidade de explorar ao máximo a hibridização que emerge na contemporaneidade, através do contato com o diferente, o paradoxal, que é possibilitado pela sociedade em rede.

Segundo Lemos, não vivemos em um mundo pós-urbano, e sim em um contexto de “reforço do urbano” (2005, p. 29). No entanto, vislumbramos a possibilidade de um **espaço híbrido** que faça referência ao passado e que, nesse movimento, recupere-se a memória sobre outro tempo, de forma semelhante à apresentada por Huyssen (2000). Um exemplo pode ser visto em *Agricultura Urbana*, em que o foco na solução através de indivíduos e pequenos coletivos não passa pela tecnologia, mas, sim, por um resgate de valores associados à vida em comunidade e o compartilhamento de espaços que sejam fonte de qualidade ambiental, bem-estar e segurança alimentar. E o processo relatado ocorre em pleno Centro Histórico da cidade

⁷ Independentemente da influência que isso acarrete na seleção dos premiados, é relevante destacar que uma das entidades parceiras da Braskem na promoção do prêmio é a Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental (ABES-RS) - juntamente com a Associação Riograndense de Imprensa (ARI).

de Porto Alegre. Tal abordagem aproxima-se da fala de Lutzenberger (2009) sobre o potencial ecologicamente curativo da agricultura, e da contribuição da cultura camponesa - quando a preocupação central é com a produção do alimento, as cidades têm paisagem complexa, preservação da biodiversidade, justiça social, distribuição de riqueza, e há conhecimento sobre a terra onde se vive.

De forma semelhante, *A diferença nos gestos pequenos* ressalta a importância de atitudes individuais e de pequenos grupos para o início de uma mudança de pensamento e alerta para o fato de que a prioridade no cuidado com o meio ambiente está na não geração de resíduos. Só que, neste sentido, mais uma vez, apesar da ampla participação cidadã na matéria, não há cobrança ao poder público ou à responsabilidade ambiental da amplitude dos setores. Todavia, entre os destaques feitos por Lemos sobre as possibilidades de desenvolvimento social no contexto da ciberurbe está o “**vínculo comunitário**” (p. 28), e entendemos que este pode, então, acarretar consequências ambientais positivas, devido à já mencionada relação entre justiça social e ambiental. Essa aspiração pode ser notada em algumas reportagens que destacam iniciativas localizadas de pequenos grupos, como em *Refugiados da nova ponte do Guaíba*, cujas principais fontes são integrantes da comunidade da Ilha dos Marinheiros empenhados em alertar a sociedade para as injustiças e os conflitos ambientais a que a comunidade está exposta diante do projeto.

De acordo com Harvey (1992, p. 264), são características do período pós-moderno fragmentação, “sobrecarga sensorial”, volatilidade e **dificuldade de planejamento a longo prazo**. Tal dificuldade pode ser ilustrada pela Série *Rio dos Sinos, do papel para a ação*, que expõe as dificuldades em, na prática, restringir as ocupações nas áreas de inundação identificadas em trabalhos científicos. Ainda, as reportagens são marcadas pela fragmentação, pois há a divisão do texto por tópicos e apresentação de dados com representações gráficas em cada um dos setores. E pouco avança além dos dados oficiais, assemelhando-se mais a um glossário em certas passagens. A partir da segunda reportagem, entretanto, com a problematização dos dados do Atlas VerdeSinos sobre a delimitação das áreas de inundação e unidades de conservação, é possível notar o exercício de olhar mais crítico. Busca semelhante ocorre em *Privada de escolha?*, que expõe dificuldades históricas de Porto Alegre em lidar com saneamento, mas apresenta desde soluções básicas para o problema até obras utópicas para o contexto local.

A partir de Ferrara, podemos dizer que estamos à procura de alguma estabilidade diante da ausência de vínculo com o tempo e o espaço geográfico ou territorial. Uma

reconstrução de sentidos pode levar à **(re)organização das espacialidades** e à renovação através da capacidade comunicativa, presentes nos processos de transmissão. Conforme a autora (2007, p. 31), “o espaço é suporte que se transforma em meio e linguagem interferindo na dinâmica cultural, através do modo como organiza o material a comunicar.”. Como vimos no início do capítulo, no caso de Porto Alegre, a memória ecologista ecoa até mesmo em uma reportagem que quer se situar no futuro: o contexto do espaço, assim, exige da narrativa jornalística a organização de uma espacialidade que contemple um tempo que se quer passado, mas que, paradoxalmente, se mostra cada vez mais atual.

4. Considerações

A grande riqueza temática certamente exigiria uma análise mais detalhada ou extensa do corpus. Mas é possível identificar, através da seleção dos premiados, uma **cultura do tempo presente baseada nas soluções**. A partir do Jornalismo Ambiental, avaliamos, porém, que não é possível pensar em soluções para as preocupações ambientais das grandes cidades sem questionar a percepção de tempo a que estamos submetidos, baseada na produtividade e no esquecimento de uma responsabilidade pelo passado.

Em que medida o Jornalismo fortalece a tendência de volatilidade, de fragmentação e de reestruturação dos espaços públicos presente na era pós-industrial, em que reina o capital internacional, conforme Lemos (2005) expõe? Em nosso corpus, observamos **algumas reportagens que não atendem a grande parte dos princípios do Jornalismo Ambiental**, o qual pressupõe uma cobertura complexa e, portanto, desacelerada. É possível, talvez, que desta forma estejam ressoando a tendência do Jornalismo de se referir ao tempo presente, tomando por base o tempo sequencial descrito por Bosi (1992), e de contribuir para a sua própria institucionalização nesse processo.

Por um lado, o presente é tão efêmero que já se tenta capturar o futuro. A partir da análise do corpus, percebemos que isso se dá pela perspectiva de um caminho de desenvolvimento sustentável diante das ameaças das mudanças climáticas e da degradação ambiental. Huyssen (2000) menciona a obsolescência como a dificuldade em capturar o presente. Diante desse contexto, para Lutzenberger (2009), torna-se necessária uma revolução ética em direção à retomada de uma produção de acordo com o ritmo próprio de tempo e espaço que caracteriza o local e com vistas a um progresso que seja definido em termos de felicidade e de satisfação. Podemos perceber que essa visão ainda não é predominante quando partimos da transdisciplinaridade defendida pelo Jornalismo Ambiental, segundo Girardi e

outros (2012), e vemos que as unidades de registro do corpus flertam com o Jornalismo Econômico e o Jornalismo Científico – com o uso de fontes ligadas às atividades econômicas e de pesquisa –, mas dificilmente se aproximam de outras áreas como cultura e política.

E por outro lado, atentamos para o fato de as reportagens mais identificadas com os princípios do Jornalismo Ambiental serem predominantemente da categoria Universitária. Perguntamo-nos se isto constitui indicativo de um ainda tímido, mas aparente **movimento de retorno às lições e à utopia do passado diante da iminência de um futuro social e ambientalmente cada vez mais comprometido**. Através de pautas voltadas a conflitos e relacionadas à luta por justiça ambiental, essas reportagens remetem à memória de Porto Alegre como uma cidade de vocação ecologista.

De acordo com o que também evidenciam algumas unidades de registro – especialmente as relacionadas à conservação e à biodiversidade –, há um **esforço de algumas reportagens em questionar essa ordem de compressão do espaço-tempo**. Trata-se de um movimento condizente com o que Harvey (1992) julga ser a procura da eternidade diante da efemeridade, a busca por valores duradouros, instituições básicas e raízes históricas a fim de retomar questões que ficaram suspensas em um tempo abalado pela fugacidade da globalização.

Referências

BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. In: NOVAES, Adauto. **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal da Cultura, 1992. p. 19-32.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

FERRARA, Lucrecia. Espacializar e organizar. In: FERRARA, Lucrecia. (Org.). **Espaços comunicantes**. São Paulo: Annablume, 2007. p. 27-37.

FRANCISCATO, Carlos. O jornalismo e a reformulação da experiência do tempo nas sociedades ocidentais. **Brazilian Journalism Research**, v.11, n.2, p. 96-123, 2014.

GIRARDI, Ilza *et al.* Caminhos e descaminhos do Jornalismo Ambiental. Revista **C&S**, São Bernardo do Campo, v. 34, n. 1, p. 131-152, jul./dez. 2012.

GIRARDI, Ilza *et al.* Quando a injustiça ambiental é invisibilizada pelo jornalismo: estudo a partir das reportagens de Zero Hora sobre a contaminação por agrotóxicos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 15., 2017, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ECA-USP, 2017. p. 1 - 15.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LEMOS, André. Cidade-ciborgue: a cidade na cibercultura. In: LEMOS, André (Org.). **Ciberurbe: a cidade na sociedade da informação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2005. p. 11-34.

LUTZENBERGER, José. **Garimpo ou gestão: crítica ecológica ao pensamento econômico**. Porto Alegre: Mais Que Nada Administração Cultural, 2009.

ⁱ NETO, Alberi; EBERHARDT, Aline; KRAMER, Ariadne. Os desafios do movimento ambientalista gaúcho. **Jornalismo Ambiental Uniritter**, 01 jul. 2017. Disponível em: <<https://jornalismoambiental.uniritter.edu.br/?p=1802>>. Acesso em: 03 fev. 2018.

ⁱⁱ CAMPO, Louise da. Um rio onde não se pode nadar. **Medium – Louise da Campo**, 31 out. 2016. Disponível em: <<https://medium.com/@dacampolouise12/um-rio-onde-nao-se-pode-nadar-1ee0f4e0047>>. Acesso em: 03 fev. 2018.

ⁱⁱⁱ PINHEIRO, Ana Carolina; ARRUDA, Lucas. Os refugiados da nova ponte do Guaíba. **Jornalismo Ambiental Uniritter**, 01 maio 2017. Disponível em: <<https://jornalismoambiental.uniritter.edu.br/?p=1534>>. Acesso em: 03 fev. 2018.

^{iv} DOMINGUES, Vinícius; FREITAS, Thiago. Um novo olhar sobre o lixo. **Multiverso – Centro Universitário Metodista IPA**, 30 jun. 2017. Disponível em: <<http://multiversoipa.metodistadosul.edu.br/jornalismo/portfolio-jornalismo/jornalismo-especializado/561-um-novo-olhar-sobre-o-lixo>>. Acesso em: 03 fev. 2018.

^v CAMILLO, Daiana; KNEVITZ, Daniela; ZARPELON, Larissa. O Jardim Botânico de Porto Alegre pede socorro. **Jornalismo Ambiental Uniritter**, 6 mai. 2017. Disponível em: <<https://jornalismoambiental.uniritter.edu.br/?p=1568>>. Acesso em: 03 fev. 2018.

^{vi} FREITAS, Deise; CLOSS, Matheus; MIRANDA, Ulisses. Privada de escolha?. **Jornalismo Ambiental Uniritter**, 03 jul. 2017. Disponível em: <<https://jornalismoambiental.uniritter.edu.br/?p=1781>>. Acesso em: 03 fev. 2018.

^{vii} MATOS, Eduardo. Maioria das cidades abastecidas pelos rios mais poluídos do estado não trata esgoto. **GaúchaZH**, 14 dez. 2016. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2016/12/maioria-das-cidades-abastecidas-pelos-rios-mais-poluidos-do-estado-nao-trata-esgoto-8746860.html>>. Acesso em: 03 fev. 2018.

MATOS, Eduardo. Porto Alegre tratou 76 bilhões de litros de esgoto desde a inauguração do PISA. **GaúchaZH**, 14 dez. 2016. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2016/12/porto-alegre-tratou-76-bilhoes-de-litros-de-esgoto-desde-inauguracao-do-pisa-8751551.html>>. Acesso em: 03 fev. 2018.

MATOS, Eduardo. Porto Alegre tem quase 100 mil residências que despejam esgoto sem tratamento no Guaíba. **GaúchaZH**, 14 dez. 2016. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2016/12/porto-alegre-tem-quase-100-mil-residencias-que-despejam-esgoto-sem-tratamento-no-guaiba-cj5wj3x5t1sutxbj0wbzvo2ql.html>>. Acesso em: 03 fev. 2018.

^{viii} FALK, Leno. Brasil na rota da energia limpa. **Soundcloud – Leno Falk**, 22 ago. 2017. Disponível em: <<https://soundcloud.com/leno-falk/serie-brasil-na-rota-da-energia-limpa>>. Acesso em: 03 fev. 2018.

^{ix} DA PIEVE, Carine. A preservação do meio ambiente também é coisa de criança. **Blog Ações Sustentáveis nas Escolas**, 18 out. 2017. Disponível em: <<https://acoessustentaveisnasescolas.blogspot.com.br/2017/>>. Acesso em: 03 fev. 2018.

^x POMATTI, Daiane. **Soundcloud – Dai Pomatti**, 29 jul. 2017. Disponível em: <<https://soundcloud.com/dai-vivan-pomatti/serveja-com-chamada>>. Acesso em: 03 fev. 2018.

^{xi} SCHULER, Nilton; ANDRADE, Rogério. TVE Repórter - Rio Gravataí. **Youtube – TVE RS**, 05 abr. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=afEHD5Fu6c4&list=PLEVHKqwu2VEjucXJuKFPPrGw-lzElt9-g&index=20>>. Acesso em: 03 fev. 2018.

^{xii} SABALLA JUNIOR, Leo; THEIL, Marcelo. Barreira para reter lixo em arroio de Porto Alegre busca conscientizar sobre o descarte. **G1 RS - Jornal do Almoço**, 29 jul. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/v/barreira-para-reter-lixo-em-arroio-de-porto-alegre-busca-conscientizar-sobre-o-descarte/5198036>>. Acesso em: 03 fev. 2018.

^{xiii} LIMA, Gilberto *et al.* Ecodesafio – O despertar da consciência ecológica. **Youtube - TVE RS**, 19 abr. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3-r62it2_Do>. Acesso em: 03 fev. 2018.

- ^{xiv} MARQUES, Cristina Charão *et al.* Cidadania – Agricultura Urbana. **Youtube - TVE RS**, 21 mar. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hnpJWX5sS-Y&list=PLEVHKqwu2VEhiCEa6UEpQLnL440Ne9bv>>. Acesso em: 03 fev. 2018.
- ^{xv} LIMA, Gilberto *et al.* Ecodesafio – A indústria que aceitou o desafio da sustentabilidade. **Youtube - TVE RS**, 19 abr. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=l6kw1Irj0cM>>. Acesso em: 03 fev. 2018.
- ^{xvi} ERTEL, Débora. Lançado em 2014, plano da bacia do Rio dos Sinos avança a passos lentos. **Jornal NH**, maio 2017. Disponível em: <http://jornalnh.com.br/_conteudo/2017/05/noticias/regiao/2114572-rio-dos-sinos-do-papel-para-a-acao.html>. Acesso em: 03 fev. 2018.
- ^{xvii} ROLLSING, Carlos *et al.* Perigo no prato. **GaúchaZH**, dez. 2016. Disponível em: <<http://especiais.zh.clicrbs.com.br/especiais/perigo-no-prato>>. Acesso em: 03 fev. 2018.
- ^{xviii} SGARBI, Karina. Novo Hamburgo recicla só 5% do lixo produzido na cidade. **Jornal NH**, 18 jun. 2017. Disponível em: <http://www.jornalnh.com.br/_conteudo/2017/06/noticias/regiao/2128246-novo-hamburgo-recicla-so-5-do-lixo-produzido-na-cidade.html>. Acesso em: 03 fev. 2018.
- ^{xix} KLÓSS, Carolina. Mata Atlântica: a Serra Gaúcha que desmata e conserva. **GaúchaZH**, 27 maio 2017. Disponível em: <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/especiais-pio/desmatamentoserra/index.html>>. Acesso em: 03 fev. 2018.
- ^{xx} XAVIER, Mauren; MASSARO, Henrique. A diferença nos gestos pequenos. **Correio do Povo - +Domingo**, 25 jun. 2017, p.06-09.
- ^{xxi} XAVIER, Mauren. Em busca de bons ventos. **Correio do Povo - +Domingo**, 26 fev. 2017, p.10-12.
- ^{xxii} ABREU, Cristiano. Um recomeço para o Rio Gravataí. **Correio de Gravataí**, out. 2016. Disponível em: <http://www.correiogravatai.com.br/_conteudo/2016/10/noticias/regiao/2012061-um-recomeco-para-o-rio-gravatai.html>. Acesso em: 03 fev. 2018.
- ^{xxiii} TENTARDINI, Cleber Dioni. Jardim Botânico de Porto Alegre abriga 97 espécies ameaçadas. **Jornal Já**, 16 mar. 2017. Disponível em: <<http://www.jornalja.com.br/jardim-botanico-de-porto-alegre-abriga-97-especies-ameacadas>>. Acesso em: 03 fev. 2018.
- ^{xxiv} BEVILAQUA, Juliana. A cidade que queremos fase dois. **Pioneiro**, 24 maio 2017. Disponível em: <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/especiais-pio/cidadequequeremos/index.html>>. Acesso em: 03 fev. 2018.
- ^{xxv} TENTARDINI, Cleber Dioni. Zoobotânica tem mais de cem pesquisas em andamento. **Jornal Já**, 9 abr. 2017. Disponível em: <<http://www.jornalja.com.br/zoobotanica-tem-mais-de-cem-pesquisas-em-andamento/>>. Acesso em: 03 fev. 2018.